

# MULHERES NA ARTE DE NOVA ANDRADINA

Marina Ferreira da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo abordar a trajetória artística de cinco mulheres da cidade de Nova Andradina/MS, trazendo um olhar pessoal de cada uma sobre sua própria história, suas lutas por espaço, reivindicações e a busca por visibilidade no cenário artístico local. A análise traz à tona contextos históricos sobre a invisibilidade feminina em diversas esferas da sociedade, incluindo o âmbito artístico, onde é possível verificar a predominância masculina. Para tanto utilizarei das reflexões de autoras como Michelle Perrot em “Minha História das Mulheres” (2007), em que a autora traz análises sobre a historiografia das mulheres ao longo dos séculos. Joan Scott em “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1995) que trata sobre gênero, indo muito além das definições biológicas e Anamaria Marcon Venson e Joana Maria Pedro (2012) que discutem sobre como a história oral pode trazer novas formas de compreensão sobre uma narrativa.

**Palavras-chave:** arte; gênero; mulheres.

**Abstract:** The aim of this article is to explore the artistic careers of five women from the city of Nova Andradina/MS, offering a personal perspective on each one's journey, their struggles for space, demands, and pursuit of visibility in the local art scene. The analysis highlights historical contexts regarding the invisibility of women in various spheres of society, including the arts, where male dominance is evident. To this end, I will draw on the reflections of authors such as Michelle Perrot in My History of Women (2007), where she examines the historiography of women over the centuries; Joan Scott in Gender: A Useful Category of Historical Analysis (1995), which addresses gender beyond biological definitions; and Anamaria Marcon Venson and Joana Maria Pedro (2012), who discuss how oral history can offer new ways of understanding narratives.

**Keywords:** art; gender; women.

## Introdução

A arte é um aspecto cultural importantíssimo para a sociedade, através dela, podemos entender o funcionamento e organização social no decorrer da história, através dela também podemos entender os papéis que cada um/a ocupava em seu respectivo tempo histórico. Sendo assim, desde a antiguidade, muitas mulheres ocupavam papéis que lhes eram impostos e na arte, não era diferente. As contribuições delas foram, por muito tempo limitadas, silenciadas, e muitas vezes não recebiam o devido reconhecimento, mesmo que desempenhassem um papel crucial. Aquelas que recebiam reconhecimento, eram exceções à regra.

Neste contexto, podemos tratar da questão de gênero e poder masculino que permeia nossa sociedade até os dias atuais. Em seu artigo “Gênero: Uma Categoria

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina. Email: mary98ferreira@hotmail.com

Útil de Análise Histórica”, Joan Scott conclui que gênero é um conjunto de análise importante para conceber a história:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional [...] Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. (Scott, 1995, p.86)

Era essa hierarquia de poder que definia onde cada um/a se encaixava nessa estrutura. Esse cerceamento dos modos femininos servia para condicionar um bom comportamento perante a sociedade. Eram modeladas e remodeladas em um longo processo para que pudessem corresponder às expectativas masculinas. Não bastasse esse cenário desolador criado pelos homens, a religião também tinha grande influência em como essas mulheres eram vistas. Na Idade Média, por exemplo, as representações femininas na pintura, baseavam-se numa visão religiosa, em que a mulher era detentora do pecado. Para Glória Maria D. L. Pratas (2009, 122): “A misoginia na Idade Média ganhara força por intermédio dos manuais de caça aos/às hereges, que eram enviados para as fogueiras do Santo Ofício.”

No Brasil, esse cenário artístico não era muito diferente, mulheres cumpriam um papel social predefinido, os movimentos artísticos de grandes destaques eram destinados aos homens, e quando as mulheres alcançavam posições de relevância, muitas vezes enfrentavam descrédito e contínuas tentativas de desvalorização de sua capacidade intelectual. Vide a história da pintora Georgina de Albuquerque (1885-1962) que tem em seu currículo um leque muito amplo de atividades artísticas em seu tempo, além de ser pioneira no movimento da arte do século XX, esteve na direção da Escola Nacional de Belas Artes como a primeira mulher a obter esse cargo, lutava pelo direito ao voto das mulheres de todas as classes sociais, entre outras coisas, mas seu prestígio era abalado por ser casada com Lucílio de Albuquerque, homem importante na época, e atribuíam a ele, as conquistas de Georgina (Barbosa, 2020). Essa não seria a primeira vez que uma mulher teria seus talentos relegados a meras esposas e mães, a exemplo de Lee Krasner, uma das principais artistas do expressionismo abstrato durante a segunda metade do século

XX. Lee era conhecida como “a mulher de Pollock”, importante pintor do expressionismo abstrato (Milek, 2021). Mulheres eram também relegadas a artes denominadas como de “segunda categoria”, que são artes sem grande visibilidade ou valor mercadológico, como exemplo, a gravura.

Urge a necessidade de contar a história de mulheres através de perspectivas que as vejam com um olhar criterioso e as reinsiram na história de maneira democrática e justa. Um olhar de mulher para mulher.

Um olhar superficial dirá que as artistas mulheres são numerosas e têm visibilidade, e que aparentemente recebem tratamento semelhante aos artistas homens. No entanto, se cruzarem os caminhos das diferenças sociais, tais como gênero, raça ou classe social, essa igualdade desaparece. Se aliar a movimentos que reforcem o não apagamento das mulheres é lutar contra seu próprio apagamento. Reviver a história das mulheres é dar a elas a oportunidade de serem vistas como sujeitas históricas (Barbosa, 2020).

Foi preciso muita luta e um longo caminho percorrido para que esses espaços se abrissem e compreendessem a importância de acolher os talentos femininos.

Embora tenham ocorrido muitas transformações, mulheres ainda enfrentam algumas dificuldades para se alocar no cenário artístico e terem seus talentos reconhecidos de forma plena. Sendo assim, como estão alocadas as mulheres no cenário cultural da cidade de Nova Andradina/MS?

Essa pergunta será respondida através das próprias artistas, que ao se disporem a participar desta pesquisa e contarem suas histórias, nos permitem perceber detalhes minuciosos sobre si, detalhes que poderiam ser imperceptíveis ao outro, mas como interlocutoras de suas próprias trajetórias, nos dão o privilégio de nos fazerem as perceber através de suas próprias lentes e perspectivas. Por isso, a opção metodológica para esta pesquisa foi a história oral.

[...] História oral é muito mais que uma decisão técnica ou um procedimento é que ela estabelece uma relação original entre a historiadora e a sujeita da história, demonstrando, e de maneira muito convincente, que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração por parte da historiadora: a história é construção. (Venson e Pedro, 2012, p. 132).

De acordo com o documentário Cada Canto da Cidade<sup>2</sup>, produzido no ano de 2022 pelo Projeto Audiovisual Gema, em Nova Andradina, cidade localizada no interior do Mato Grosso do Sul, o setor cultural como um todo, sofre muito com a falta de estrutura e com a falta de políticas culturais institucionalizadas. Nesse sentido, os/as fazedores/as de cultura independente, os/as artistas independentes, são os/as grandes responsáveis por manter a cultura viva, ativa e em movimento. Os/as artistas entrevistados/as no documentário pontuam de forma categórica a falta de apoio da gestão, falta de apoio da Secretaria de Educação, Esporte e Cultura (SEMEC). Esse setor, em Nova Andradina, enfrenta um problema muito sério, já que a Secretaria da Cultura é vinculada com a Secretaria de Educação e Esportes, isso faz com que os recursos fiquem amarrados, sendo assim, a cultura não tem recursos próprios para serem investidos nas ações dos/as agentes culturais locais. Nesse cenário em que falta muito da instância governamental, esses/as fazedores/as de cultura são a grande esperança, por assim dizer, para que a cultura e a arte de Nova Andradina nunca morram. Ainda nesse cenário, existem diversas mulheres protagonistas em diversas áreas da cena de Nova Andradina.

Este trabalho surgiu da inquietação concernente ao vazio historiográfico referente à história das mulheres nas artes na cidade de Nova Andradina/MS. Também tem por objetivo trazer foco para as contribuições que as artistas trazem para o cenário artístico local, tendo em vista que a produção feminina tem se mostrado crucial para a formação e manutenção da mesma.

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas [...] As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. (Perrot, 2007, p. 16)

A pesquisa foi desenvolvida a partir de entrevistas com artistas da cidade. A escolha das 05 mulheres entrevistadas para compor este artigo, trata-se de um olhar pessoal sobre a relevância delas para que a arte feminina se mantenha em constante evolução. As entrevistadas são: Ana Flávia, dança; Fernanda Nóbrega, música; Nayara Machado, produtora cultural; Jéssica Lima, pintura/desenho; e Rafaela Penha, dança.

---

<sup>2</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=YEfD5zKMTE0&t=159s&ab\\_channel=ProjetoAudiovisualGema](https://www.youtube.com/watch?v=YEfD5zKMTE0&t=159s&ab_channel=ProjetoAudiovisualGema)

Dessa forma, iremos nos debruçar sobre suas trajetórias e tentar compreender o lugar que elas e as demais mulheres ocupam na arte de Nova Andradina. A pesquisa utiliza-se de fonte oral, através de entrevistas, porque há certa carência de materiais historiográficos acerca do tema pesquisado, em específico sobre o cenário cultural da cidade, tendo como base teórica os textos de Joan Scott (1995), Michelle Perrot (2007) e Anamaria Marcon Venson e Joana Maria Pedro (2012). Inicialmente serão apresentadas as trajetórias de cada artista a partir de suas próprias narrativas para depois tecermos algumas considerações.

### **Nanda Nóbrega e a arte da versatilidade**

Nanda Nóbrega tem 25 anos e nasceu em Nova Andradina/MS. Em sua entrevista narrou que sempre morou na mesma cidade e graduou-se em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e depois cursou a faculdade de Letras-Inglês. Ela atua no Projeto Conectando Saberes 3, um módulo da EJA – Educação de Jovens e Adultos em sistemas prisionais. Um projeto que para ela é:

bem legal porque, além de dar a remissão da pena, que diminui um pouco a pena, é uma forma do indivíduo se ressocializar, que é essa a intenção. E isso funciona bastante porque faz muito bem para a convivência dentro do presídio também. E tem outros projetos lá que ajudam bastante nessa questão da ressocialização.

Nanda descreve-se como uma artista “nas horas vagas”, mas seu envolvimento com a arte começou cedo, inspirado principalmente pela saga de Harry Potter. A partir de seu fascínio pelo cinema, ela passou a se interessar pelos aspectos técnicos e criativos por trás da produção de filmes. Como relembra, a experiência com o cinema foi um dos primeiros passos de sua jornada artística:

Eu sempre tive aqueles DVDs que a gente comprava e vinham os Making Off [das cenas]. Eu não entendia nada, eu não falava inglês, mas eu adorava assistir aquela produção técnica e tudo mais.

Além do cinema, a música também desempenhou um papel fundamental em sua formação. Aos 13 anos, começou a cantar em grupos de jovens da igreja, e aos 14, formou sua primeira banda, impulsionada pela forte cena rock que existia em Nova Andradina na época, especialmente no bar Classe A. Nanda recorda com carinho essa fase de descoberta musical: "Eu formei uma banda que ninguém sabia

tocar direito, ninguém sabia cantar direito, ninguém sabia fazer nada direito, mas a gente bagunçava assim. Todo mundo tinha 14/15 anos, e começou aí."

Sua trajetória na música continuou a evoluir. Aos 16 anos, começou a fazer aulas de violão e teclado, e suas apresentações se expandiram dos encontros de jovens para bares e eventos da cidade, como o Sarau de 2018, onde, ao lado de amigos e colegas da universidade, ajudou a organizar e produzir um dos eventos culturais mais significativos de Nova Andradina.

O envolvimento com eventos artísticos aumentou com a criação do Coletivo Gema em 2020, um grupo voltado para a promoção da arte de forma colaborativa. Nanda destaca o papel do coletivo como um marco na fomentação da arte local, principalmente durante a pandemia e com o apoio da Lei Aldir Blanc. O objetivo do Gema é democratizar o acesso à arte e criar um ambiente colaborativo para os artistas da cidade.

Além da música, o teatro também teve um impacto significativo em sua trajetória. Nanda começou no teatro aos 15 anos, participando de peças escolares e, mais tarde, envolveu-se com o grupo Vida e Voz, interpretando o Homem de Lata em uma adaptação de "O Mágico de Oz" em 2018. Embora não trabalhe mais com teatro, essa fase foi marcante para ela.

Sobre o desenvolvimento artístico e cultural da cidade, Nanda reconhece a importância do trabalho coletivo, afirmando que sua trajetória pessoal, junto com a de outros artistas do Gema, contribuiu para a revitalização dos eventos culturais de Nova Andradina. Ela reflete sobre a necessidade de maior representatividade feminina no cenário artístico local, enfatizando que: "eu acho que as mulheres são invisibilizadas no sentido de que quem tem controle sobre as coisas aqui geralmente são homens. É um clube do bolinha em algumas questões dessa cidade."

Nanda também acredita que os projetos de arte na cidade ainda podem se expandir para abraçar mais temáticas femininas, raciais e LGBTQIAPN+, mas reconhece que ainda há limitações, especialmente quando as decisões estão nas mãos de uma elite privilegiada e masculina.

### **Rafaela Penha: tecendo sonhos com o projeto de costura**

Rafaela Penha, 36 anos, nascida em Nova Andradina/MS, é mãe de Nicole e tem uma trajetória marcada pela busca de melhores condições de vida para si e sua

filha. Formada em psicologia educacional, ela viveu em São Paulo por mais de uma década antes de retornar à sua cidade natal durante a pandemia de 2020. Embora sua carreira tenha sido focada na psicologia, o contato com a arte sempre esteve presente em sua vida, mesmo que de forma não profissional. Desde os tempos escolares, Rafaela se envolvia com teatro e dança, alimentando seu desejo de explorar o mundo artístico, mesmo sem o apoio total da família. "Eu sempre estava nos grupos de teatro, de dança, mas num lugar de brincadeira. Eu até falava em casa que meu sonho era fazer Artes Cênicas, totalmente desacreditada pela família."

Na adolescência, Rafaela participou de grupos de teatro e aulas de dança, mantendo-se conectada com a arte como forma de expressão pessoal. Em São Paulo, seguiu explorando esse interesse, fazendo aulas de teatro e se dedicando à dança por um período significativo, chegando a integrar uma companhia de dança. Entretanto, a necessidade de priorizar a carreira na psicologia a afastou temporariamente desse universo, segundo ela:

Quando eu ingressei na companhia de dança mesmo, da academia, eu parei para começar a faculdade. Aí fiquei mais de 10 anos sem me envolver com nada de arte. Deprimi, veio as gastrites, as 'ites' da vida, adoeci.

Com o tempo, essa desconexão com a arte gerou impactos em sua saúde, levando-a a perceber a importância da expressão artística em sua vida. Ao retornar para Nova Andradina, Rafaela reencontrou amigos de longa data e redescobriu a dança, ingressando na companhia do Studio Dança em Cena, onde voltou a se envolver ativamente. Rafaela conta que:

Em 2020, encontrei com meu velho amigo João Rafael, que era da época do teatro na escola, e ele estava com o estúdio de dança; então eu voltei a dançar lá, em 2020, e não parei mais e não largo mais. Hoje em dia eu estou na companhia de dança do Studio Dança em Cena, mas ainda na vibe de aluna. Sempre que eu posso, eu me envolvo nas situações de arte, mas mais como incentivadora do que como artista propriamente dita.

Ela vê a arte como um instrumento de cura e de transformação pessoal e coletiva, posicionando-se como incentivadora e colaboradora nas cenas culturais locais. Uma das áreas em que Rafaela atua atualmente é o projeto Ateliê de Moda Brasil, Haiti e Venezuela, uma iniciativa ligada ao programa "UEMS Acolhe", que promove a inclusão de mulheres imigrantes através da capacitação em costura. Seu

papel no projeto vai além de ensinar habilidades práticas; como psicóloga, Rafaela facilita rodas de conversa e cria espaços de acolhimento para essas mulheres, que enfrentam uma realidade cultural e social completamente nova e, muitas vezes, hostil:

Nós estamos com um projeto de aulas de costura para essas mulheres. Eu entro como psicóloga parceira proporcionando ambientes de psicoeducação, de acolhimento, de rodas de conversa, de trocas de vivências, para que essas mulheres se sintam acolhidas dentro da nossa sociedade.

Ao oferecer apoio emocional e psicoeducacional, ela auxilia na adaptação dessas mulheres ao novo ambiente, ajudando-as a conquistar independência financeira e autonomia. Através dessa atuação, Rafaela contribui diretamente para o desenvolvimento social e cultural da cidade. Seu trabalho promove a inclusão e o empoderamento de mulheres marginalizadas, e fortalece o tecido cultural de Nova Andradina, ao integrar essas novas histórias e vivências à comunidade local. Mesmo sem se identificar como uma artista, sua dedicação à arte e ao acolhimento é uma forma clara de atuação cultural, impactando vidas e transformando a realidade ao seu redor.

Ao refletir sobre a importância da arte para as mulheres, Rafaela destaca o quanto esse ambiente permite que as mulheres se expressem plenamente, encontrando segurança e empoderamento em um mundo que, historicamente, as invisibiliza. Segundo ela: "Quando a gente fala de mulher, por nascer mulher a gente já nasce sendo violentada. E a arte não só empodera, mas ela traz uma segurança e uma valorização que em poucos outros lugares da vida a gente consegue ver."

Ela reconhece que, como em outras esferas da sociedade, as mulheres enfrentam desafios e obstáculos no reconhecimento de seu papel na arte, mas vê iniciativas como o projeto de costura como ferramentas poderosas para romper esses ciclos de opressão.

O trabalho de Rafaela no Ateliê de Moda, embora ainda esteja em fase inicial, carrega a esperança de transformar vidas e proporcionar independência para essas mulheres migrantes. "Esse projeto de costura não começou a acontecer ainda, porque a gente está esbarrando em várias coisinhas, sempre, né? Mas eu também sou voluntária no próprio programa UEMS Acolhe, que é o de ensino da língua portuguesa, e ali a gente já consegue ver muita evolução." Ela já testemunhou a

evolução de suas alunas no programa de ensino da língua portuguesa, vendo-as passar de uma completa incompreensão do idioma para uma comunicação fluida, o que as empodera a viver de forma mais segura e autônoma.

Sua contribuição para o desenvolvimento cultural de Nova Andradina, embora sutil aos seus próprios olhos, é inegável. Através do apoio às mulheres e da criação de espaços seguros para elas se expressarem, Rafaela tece um novo capítulo na história da arte local, onde a força feminina encontra voz e visibilidade.

### **Ana Flávia: a arte da dança**

Ana Flávia, 37 anos, nasceu em Vilhena/RO, e é formada em Zootecnia pela Universidade Estadual de Mato Grosso. Ela chegou a Nova Andradina em 2015, após ser aprovada em um concurso para o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), onde atua como professora de produção animal. Apesar de sua formação técnica, sua paixão pela dança a acompanhou durante toda a trajetória acadêmica, influenciando seu papel como educadora e artista na cidade.

Ao se deparar com a carência de iniciativas artísticas no IFMS, principalmente nas áreas de dança e canto coral, Ana Flávia percebeu uma oportunidade. “Vi que esse era um nicho que precisava ser atendido”, comenta. Dessa forma, ela fundou o projeto IF Dance, que inicialmente tinha como foco uma apresentação para o Dia da Consciência Negra, abordando temas como as raízes culturais africanas. O projeto cresceu rapidamente e, em 2018, expandiu-se para além dos muros da instituição, atingindo escolas e outros espaços comunitários.

Além do IF Dance, Ana lidera outros dois projetos de extensão: A Dança e o Feminino, direcionado a mulheres até 60 anos, e Dança e Mais, voltado para mulheres acima dessa faixa etária, realizado em parceria com o Projeto Conviver. Em colaboração com diversos estúdios da cidade, como Ritmos, Dança Em Cena e Radharani, esses projetos proporcionam às participantes a oportunidade de explorar diferentes estilos de dança, desde a dança do ventre até o flamenco e o tribal fusion.

Ana Flávia acredita firmemente que a dança tem o poder de transformação social. “O acesso às artes não é para todos”, destaca, referindo-se aos custos elevados de aulas de dança e figurinos. Seu projeto, porém, visa democratizar esse acesso, oferecendo aulas gratuitas e possibilitando que meninas de diferentes origens tenham a oportunidade de dançar e explorar suas potencialidades. Ela relata

histórias de alunas que, graças ao projeto, superaram desafios pessoais, como a depressão, e encontraram na dança um espaço de acolhimento e autodescoberta. “O que salva a minha cabeça é o projeto de dança. É o que mantém ela equilibrada”, compartilha uma de suas alunas.

Ao refletir sobre o papel da mulher nas artes em Nova Andradina, Ana Flávia reconhece que ainda há um longo caminho a percorrer. “Eu vejo que tem sim [projetos voltados para as mulheres nas artes], mas é muito tímido. Muitas vezes a própria colega coloca um preconceito sobre a outra que faz determinado tipo de arte”. Para ela, as mulheres ainda enfrentam barreiras, muitas vezes impostas por julgamentos externos ou internos, que limitam sua participação plena nas artes, especialmente em uma cidade pequena.

A artista discorreu sobre a relevância dos projetos que coordena para as jovens da comunidade, muitas das quais provêm da zona rural e enfrentam perspectivas limitadas em relação ao futuro.

Ela enfatizou que o projeto oferece às participantes a oportunidade de vislumbrar além das opções convencionais, como o emprego em lojas ou a formação de uma família.

A partir da participação no projeto, elas começaram a se expor a novas culturas e a interagir com mulheres que, assim como elas, originaram-se de contextos humildes e, hoje, vivem experiências enriquecedoras.

Ela conta que observou uma transformação significativa no comportamento de várias meninas, algumas das quais enfrentavam dificuldades de socialização e problemas emocionais, encontrando no projeto um novo caminho de desenvolvimento pessoal.

Ana Flávia destacou a exigência de manutenção de um bom desempenho escolar como critério para a participação no projeto, o que levou muitas meninas a se comprometerem com seus estudos, resultando em conquistas notáveis. “Temos alunas que atualmente fazem balé em São Paulo, além de outras que estão cursando graduação ou se tornaram empreendedoras”, evidenciando que o projeto não apenas abriu portas, mas também capacitou as jovens a se tornarem protagonistas de suas trajetórias.

Além disso, enfatizou que o projeto serve como um espaço de fuga para as participantes, permitindo que se sintam livres para sonhar e se expressar. “Eu

frequentemente escuto de minhas alunas: 'Graças a Deus, hoje teve aula'. É um momento em que elas se afastam do caos cotidiano e redescobrem a beleza da vida."

O impacto do projeto também se estendeu às mulheres adultas da comunidade. Uma senhora de 80 anos, por exemplo, compartilhou com a entrevistada que nunca teve a oportunidade de se sentir feminina e sensual. "Aqui é o momento em que eu sou mulher novamente", afirmou a idosa, sublinhando a importância desse espaço de expressão e autoafirmação.

Desse modo, Ana Flávia afirma que a maior contribuição do projeto é possibilitar que meninas e mulheres se vejam e se reconheçam além de suas lutas diárias, criando um ambiente onde podem ser autênticas e livres de julgamentos.

### **Pintando Caminhos: a professora Jéssica e suas pinturas**

Jéssica Lima, professora de artes visuais e artista muralista, compartilha sua trajetória artística com entusiasmo. Aos 31 anos, ela reside em Nova Andradina desde os 4, mas nasceu em Dourados. Desde jovem, o gosto pela arte a acompanhava, inspirado pela mãe que pintava tecidos. Porém, foi a pintura em tela que realmente cativou Jéssica. Aos 15 anos, após ser desafiada pela mãe, que inicialmente não acreditava em seu talento, ela surpreendeu ao replicar perfeitamente um girassol. Como ela relembra: "Minha mãe sempre achou que eu não teria talento... Ela escolheu o desenho, foi um girassol, e aí a gente fez idênticos." Esse momento foi decisivo para sua paixão pela arte e seu início na pintura em tela.

Jéssica não apenas desenvolveu sua habilidade como artista, mas também passou a ensinar arte na escola onde trabalha. Um dos momentos mais transformadores de sua carreira foi o início das pinturas murais, que nasceu da iniciativa de alunas do ensino médio. As alunas sugeriram que o muro da escola fosse pintado com retratos de mulheres influentes que elas haviam estudado. Jéssica abraçou a ideia, e juntas montaram o projeto. "Elas se interessaram pela história dessas mulheres e queriam retratar de alguma forma," conta Jéssica.

A partir daí, o projeto cresceu. Atualmente, além das pinturas murais, a escola oferece aulas de pintura em tela, abertas a qualquer aluno/a da rede estadual. Jéssica destaca o impacto desse trabalho na vida dos/as alunos/as, especialmente

para aqueles/as de contextos mais vulneráveis. A arte se tornou uma forma de expressão pessoal para os/as jovens, muitos dos/as quais não tinham confiança em suas habilidades. "Através da pintura, através do desenho, eles conseguem expressar aquilo que sentem... e no outro dia eles chegavam na aula de pintura contando para os demais amigos"

Contudo, o caminho não foi fácil. Houve resistências e críticas, tanto da comunidade quanto de outros/as profissionais. "Tiveram muitas pessoas que criticaram, tiveram denúncias... chegaram a falar que a gente ia ter que pintar o muro de branco [...]", mas, com perseverança, ela e suas alunas seguiram em frente, e o projeto, que foi inicialmente subestimado, hoje é respeitado.

Quando perguntada sobre a importância da arte feminina, Jéssica reflete sobre sua própria trajetória e as dificuldades enfrentadas. Ela compara o início de sua carreira aos 15 anos com sua realidade atual, aos 31. "Eu lá com os meus 15 anos... e eu Jéssica hoje, com os meus 31 anos, tendo um conhecimento um pouco maior," comenta, reconhecendo o quanto evoluiu como artista. Ela também aponta que, embora o interior ofereça menos oportunidades de reconhecimento, a arte ainda tem um papel fundamental, e cada exposição e projeto é uma vitória, tanto para ela quanto para suas alunas.

No fim, o projeto de Jéssica vai além da simples técnica artística. Ela tem preparado suas alunas para enfrentar críticas e preconceitos em relação à arte, especialmente a feminina, e se orgulha de vê-las ganhando confiança e valorização. "Toda aula eu conversava, gente, não deixem essas pessoas colocarem vocês para baixo... foi uma coisa que, de fato, elas queriam e que eu estava ali só para auxiliar."

### **Nayara Machado: cultura, história e empoderamento feminino**

Nayara Machado é uma jovem produtora cultural de 26 anos, natural de São Paulo, que encontrou em Nova Andradina um espaço para desenvolver e ampliar sua atuação artística e cultural. Professora de História, ela relembra com carinho como sua afinidade com a escrita se manifestou desde jovem, com influências que vinham de sua família e da sua vivência no interior paulista. "Eu sempre tive uma certa afinidade com a escrita. E foi a partir do curso de História que eu comecei a mostrar isso para outras pessoas," compartilha Nayara. Esse processo de abrir-se

ao público culminou em sua primeira declamação, feita em uma apresentação no museu da cidade.

Ela reconhece que o curso de História foi um catalisador para seu envolvimento mais profundo com a cena cultural local. Foi durante a Semana de Arte e História que, junto a colegas, participou de um sarau e conheceu outros artistas que, mais tarde, formariam o coletivo cultural Projeto Audiovisual Gema. O coletivo, criado em 2020, passou a realizar diversos eventos culturais em Nova Andradina, incluindo saraus, bingos e produções audiovisuais. Nayara, como coordenadora do Gema, destaca a relevância do grupo para a cidade:

Hoje eu sou coordenadora do Projeto Gema, sou projetista e estamos aí na ativa, movimentando a cena e sempre tentando alcançar novos lugares [...] então, a partir do Projeto Gema, a gente já consegue movimentar a área cultural aqui de Nova Andradina. E esse ano nós estamos realizando o Conexão Urbana, que foi um projeto também elaborado por mim, que foi aprovado pelo Fundo de Investimentos Culturais, que é um edital muito importante aqui do Mato Grosso do Sul. E, através desse projeto, a gente conseguiu trazer para Nova Andradina mais de 200 mil reais. Então, além de movimentar o cenário artístico aqui da cidade, a gente movimenta o setor econômico. A cultura ali sempre girando a economia, apesar de muitas pessoas acharem que cultura é um desperdício, uma perda de dinheiro, quando não é.

Quando questionada sobre a importância da valorização da arte feminina, Nayara reforça a necessidade de que mulheres sejam as protagonistas de suas próprias narrativas e expressões artísticas. Ela observa que, historicamente, a arte feminina foi retratada por uma perspectiva masculina, e vê uma urgência em mudar esse cenário. “Nós precisamos de mulheres que também estejam produzindo, criando obras que valorizem a nós mesmas, que mostrem as nossas próprias perspectivas.” Embora reconheça avanços na cidade, como o próprio minidocumentário em que participa, ela ressalta que ainda há um longo caminho para que a arte feminina tenha a visibilidade e o reconhecimento que merece.

A invisibilidade das mulheres no cenário cultural de Nova Andradina é uma questão sensível para Nayara, que aponta a falta de espaços dedicados a elas no Museu Municipal e a limitação de autonomia para mulheres em posições estratégicas na gestão pública cultural. Conforme denúncia Nayara:

[...] apesar de ter mulheres em alguns pontos estratégicos da administração pública, essas mulheres não têm a autonomia e a liberdade de gerir a

cultura de uma forma, não sei se a palavra “decolonial”<sup>3</sup> é a palavra correta, mas elas não conseguem gerir de forma autônoma os setores em que elas estão. E eu não consigo pensar que isso não seja também porque são mulheres. Eu acredito que quando nós tratamos de tentar compreender a vivência, a complexidade que é uma mulher no mundo, nós não podemos esquecer desse preconceito e dessa desigualdade que tem em relação às mulheres, principalmente quando são homens líderes que precisam delegar funções para mulheres, mas limitam a autonomia delas de desenvolverem-se dentro daquela função.

Nayara acredita que é essencial continuar promovendo a arte feminina e encorajar mais mulheres a ocuparem espaços de produção e gestão cultural. Sua atuação como produtora cultural, coordenadora de projetos e professora de História reflete uma busca constante por abrir caminhos para outras mulheres e fortalecer a presença feminina na arte.

## **ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Quando estendemos um olhar analítico para as entrevistas, é possível identificar aspectos que se sobressaem nas narrativas. Há pontos que se convergem e fazem perceber que a arte é um aspecto cultural de relevância não apenas para o acolhimento, mas também porque ela representa uma oportunidade de transformação de vida, educação e reinserção social, isso de modo geral, quando olhamos pela ótica de gênero, podemos observar que há uma quebra de paradigma e preconceitos, quase como uma luta visceral para se conectar as suas identidades femininas, transpor desafios pessoais e sociais e reivindicar seus espaços na arte e na vida.

Cada nicho de arte enfrenta desafios diversos, na dança do ventre, por exemplo, o uso do corpo, as expressões em cima do palco, os gingados, vem cercado de preconceito e julgamento, carregado de um estigma cultural e com um viés moral, o que impede que muitas mulheres explorem essa arte, isso se dá também, porque os julgamentos não partem apenas dos homens, mas outras mulheres com um senso moral enraizado no machismo endossam o coro de dedos

---

<sup>3</sup> Aqui, podemos utilizar o texto de María Lugones, onde ela se utiliza das reflexões de Aníbal Quijano para compreender o funcionamento de poder e colonialidade baseando-se nas relações de gênero. Em trecho de sua fala, Nayara descreve as dificuldades encontradas por mulheres para exercerem seus cargos com autonomia. Nessa perspectiva, podemos observar que reverbera as ideias de ambos os autores em como gênero e raça caminham lado a lado dentro de um sistema de poder patriarcal e colonial. Lugones ainda desenvolve suas ideias ao que ela indica que esse sistema moderno/colonial, é uma maneira de fortalecer a heterossexualidade e o patriarcado

apontados e artes silenciadas, assim evidenciando as camadas de pressão social que cercam o corpo feminino. Em trecho de seu livro “Minha História das Mulheres”, Michelle Perrot (2007, p. 76) escreve:

Corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade [...] A gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva. O que muda é o olhar lançado sobre elas, o limiar de tolerância da sociedade e o das mulheres, a história de sua queixa [...]

Esse trecho escrito por Michelle Perrot é consonante ao que diz Rafaela Penha: “[...] quando a gente fala de mulher, por nascer mulher, a gente já nasce sendo violentada [...]”. Essa afirmação revela uma realidade crua que se entrelaça com a análise de Perrot, salientando a condição histórica de vulnerabilidade das mulheres. Ambas as perspectivas ressaltam como a violência contra o corpo feminino se manifesta tanto fisicamente, quanto de maneira simbólica e social.

A crítica de Perrot sobre a subjugação do corpo das mulheres destaca que a dominação e o controle exercidos sobre suas identidades são perpetuados por normas culturais enraizadas, que muitas vezes são endossadas por outras mulheres. Nessa conjuntura, a fala de Rafaela não é apenas uma lamentação, mas um chamado à conscientização sobre as diversas formas de violência que, desde o nascimento, são impostas às mulheres.

Há, nas histórias dessas mulheres, uma busca constante por afirmação; como artistas, e como indivíduos que enfrentam as pressões sociais e culturais que se sobrepõem à sua criação artística. Por exemplo, quando Ana Flávia fala sobre a resistência que enfrentou na dança do ventre, vemos ecoar as palavras de Michelle Perrot sobre o corpo feminino ser historicamente subjugado. A dança, como expressão do corpo, se torna um ato de desafio a normas que tentam controlar o corpo feminino.

Assim, o que poderia ser uma simples manifestação artística, na verdade, se torna um campo de batalha simbólico entre o desejo de expressão e as restrições impostas pela sociedade. As observações de Ana Flávia convergem com o que Jéssica Lima menciona sobre o olhar moralista que cerca o corpo feminino na arte visual, mostrando como diferentes expressões artísticas enfrentam desafios similares quando vêm de mulheres.

O uso da arte como ferramenta de inserção social aparece de maneira forte na fala de Nanda Nóbrega, que percebe na música um meio de empoderamento pessoal e coletivo. Nanda, ao relatar suas experiências, evidencia como a arte pode transcender a simples estética e se transformar em um ato político. A música, em suas palavras, é um espaço onde "você pode ser quem você realmente é, sem precisar seguir as normas impostas." Aqui, a arte se torna um espaço de liberdade, permitindo que as artistas escapem das expectativas sociais e possam explorar sua identidade de maneira autêntica.

Esse ciclo de opressão e resistência é perceptível no relato de Nayara Machado, que, apesar de não se identificar plenamente como artista, reconhece o papel fundamental que sua atuação no Projeto Gema tem no cenário cultural local. Nayara vê sua produção cultural como um ato de resistência coletiva, especialmente ao perceber a ausência de espaços dedicados à memória feminina em Nova Andradina. Sua reflexão sobre a invisibilidade das mulheres na arte revela a importância de projetos como o Conexão Urbana, que buscam promover artistas e desafiar estruturas culturais e políticas que perpetuam essa invisibilidade.

Esse movimento de reivindicação de espaço é um ponto de convergência entre todas as entrevistadas, assim como o fato da inserção social aparecer de maneira recorrente nas falas das mesmas.

Cada uma, à sua maneira, utiliza sua arte como uma ferramenta para quebrar barreiras e expandir fronteiras que historicamente foram fechadas para as mulheres. Ao mesmo tempo, há também divergências importantes nas formas como essas mulheres percebem os desafios. Enquanto Rafaela vê a violência simbólica como um obstáculo quase intransponível, Nanda parece enxergar na música um espaço mais aberto para a construção de identidades livres. Essa divergência enriquece a análise ao mostrar que, mesmo dentro de um grupo que compartilha experiências de opressão, as respostas a essa opressão não são homogêneas.

Nayara destaca o impacto econômico e cultural que os projetos do Projeto Gema trazem para a cidade. "Movimentamos não só o cenário artístico, mas também o setor econômico", diz Nayara, destacando como a cultura pode ser um motor de desenvolvimento em diversas esferas.

O que essas entrevistas nos mostram é que a arte, para essas mulheres, vai muito além da estética. Ela se configura como um espaço de luta, resistência e afirmação de identidade. Através dela, elas encontram acolhimento, transformam

suas vidas e as de outras pessoas ao seu redor. A arte, por consequência, é um ato de resistência contínua contra uma estrutura que ainda marginaliza o feminino.

Essas narrativas também revelam um aspecto importante sobre a solidariedade entre mulheres na arte. Embora cada uma tenha sua própria trajetória, há um forte senso de conexão e apoio mútuo que perpassa suas histórias. Isso está claramente expresso nas palavras de Jéssica Lima, que enfatiza a importância de construir redes de apoio entre artistas femininas: "Nós precisamos nos unir para romper essas barreiras. Sozinha, é difícil, mas quando estamos juntas, conseguimos ir muito mais longe."

Nayara Machado traz à tona a questão da invisibilidade feminina na arte, quando menciona que "a representação feminina sempre foi valorizada, mas essa valorização vinha através de homens". Sua fala reflete a luta constante das mulheres para reivindicarem a produção de arte por suas próprias mãos, narrando suas histórias a partir de suas próprias perspectivas. O que vemos é uma busca por desconstruir a visão masculina da arte feminina, reivindicando o direito de produzir e de ser vista pelo próprio olhar feminino, como também defende Joan Scott em seu conceito de gênero. Scott (1995) aponta que o "gênero não é apenas uma construção social, mas também uma estrutura de poder que influencia a forma como homens e mulheres são vistos e tratados ao longo do tempo". O mesmo se aplica às artes: as mulheres precisam desafiar as estruturas que as invisibilizam e dominar suas narrativas.

Na "historiografia oficial", as mulheres foram quase totalmente excluídas, sendo esta mesma historiografia marcada por estereótipos, preconceitos e hierarquias de valores. (Cruz e Silva, p.3)

Há um esforço constante das entrevistadas em ocupar espaços e trazer mais mulheres para a cena artística de Nova Andradina. Ana Flávia, por exemplo, relata a importância de eventos que valorizem a arte feminina e a necessidade de "aumentar esse percentual" de mulheres produtoras. A dança, que para ela foi um meio de transformar sua própria vida, é vista como uma ferramenta poderosa de inclusão e resistência. No entanto, ela também aponta para os preconceitos que enfrenta, especialmente pelo uso do corpo em sua arte, uma crítica que reverbera nas falas de outras entrevistadas.

Esse ponto de convergência entre as narrativas demonstra a persistência de uma estrutura patriarcal que limita a autonomia feminina, seja na arte ou na sociedade. Nanda Nóbrega, ao refletir sobre sua experiência com a música, comenta: "Muitas vezes, a gente tem que se provar duas vezes mais competente, duas vezes mais capaz, para ser levada a sério." Essa duplicidade de esforços é uma constante na trajetória de muitas mulheres artistas, que, além de lutarem contra o preconceito, enfrentam uma invisibilidade institucional, como apontado por Nayara, ao mencionar a falta de representatividade feminina nas exposições do Museu Municipal, antes de sua reabertura.

Essa invisibilidade institucional também se reflete nas políticas culturais, que muitas vezes não proporcionam às mulheres as mesmas oportunidades de protagonismo. Mesmo com iniciativas como a Lei Paulo Gustavo e o Fundo de Investimentos Culturais, é preciso que os projetos sejam mais inclusivos e pensados a partir de uma perspectiva de gênero. O caso do Conexão Urbana, mencionado por Nayara, é um exemplo de como a arte pode ser uma plataforma de transformação, tanto social quanto econômica, mas a própria existência desse tipo de projeto ainda é uma exceção em um cenário dominado por homens.

A partir dessas falas, é possível perceber a importância de eventos e projetos que incluam as mulheres, e deem a elas autonomia para contar suas histórias, expor suas artes e ocupar o espaço público de forma legítima. Essa luta pela visibilidade é uma demanda artística, e também política, na medida em que as mulheres reivindicam o direito de serem vistas, ouvidas e respeitadas em suas produções.

A convergência dessas histórias evidencia uma realidade que precisa ser transformada. A arte, nessa conjuntura, torna-se um instrumento de resistência e ressignificação, um espaço onde as mulheres podem questionar, desafiar e, sobretudo, se expressar. Seja na música, na dança, na produção cultural ou nas artes visuais, as mulheres de Nova Andradina estão construindo um caminho de resistência, onde a arte não é apenas um reflexo de suas experiências, é também uma ferramenta de mudança.

## **Considerações finais**

Este trabalho procurou observar a trajetória de cinco artistas locais que atuam em diversos nichos da arte na cidade de Nova Andradina/MS, em uma tentativa de

compreender qual lugar lhes é reservado como artistas e mulheres, quais lutas elas ainda enfrentam para que tenham seus trabalhos valorizados e para que o campo das artes se torne um pouco mais receptivo a elas. De um modo geral, a arte pensada por mulheres tem a capacidade de suscitar impactos significativos no/a outro/a, seja na tentativa de construção de um cenário mais igualitário e inclusivo, seja na criação de um ambiente seguro e acolhedor destinado a outras mulheres.

Utilizando bases teóricas de autoras que tratam da questão de gênero como Michelle Perrot e Joan Scott, é possível traçar a história das mulheres ao longo dos séculos e entender como elas foram historicizadas por uma ótica masculina, como se incapazes de produzirem uma autoimagem.

No que tange a arte, essas mesmas mulheres foram relegadas àquelas que recebiam menos prestígios e consideradas de segunda categoria, quase como uma benevolência ao permitir que elas as praticassem.

A escolha da metodologia oral está muito além da lacuna de material historiográfico, essa escolha se baseia também no desejo de traçar uma história a partir de uma perspectiva pessoal, sendo possível captar suas subjetividades e memórias que, por vezes, são silenciadas tanto no âmbito acadêmico quanto nos registros oficiais da história, dessa forma, é passível de se obter um olhar crítico sobre si, suas próprias contribuições, e como elas entendem a questão de gênero e arte.

Sendo assim, foi possível observar ao longo da pesquisa que, embora elas encontrem barreiras para se expressarem de forma plena nas artes, as artista nova andradinenses vêm se afirmando ano após ano no campo artístico da cidade, elas têm criado entre si, uma rede de apoio importantíssima para manter vivo o andamento de todo o progresso conquistado por meio de luta e resistência. Foi possível concluir que, embora timidamente, houve mudanças significativas em como as pessoas as veem e em como suas artes são aceitas pelo público, é possível perceber que elas têm tido uma participação maior em eventos locais, bem como produzem nos bastidores artes que dialogam com questões identitárias e de gênero e ainda lutam por promover políticas culturais, que de forma igualitária, as incluam. Ainda há muito a se conquistar, mas é inegável a contribuição que todas elas trouxeram para a cidade, fomentando arte e esperança para a ampliação dos horizontes, construindo uma história cheia de pluralidade e inclusão, trazendo-as para o papel de protagonistas de suas próprias histórias.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **(Des)memórias**: por uma revisão feminista da História da Arte no Brasil. Revista do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais UFPE-UFPB. n.08, 2020.

CRUZ, Jdhenef Neves; SILVA, Brenda Flexa. **História das mulheres na história feita pelos homens**: desigualdade de gênero e a invisibilidade da mulher na historiografia. XX Redor. Disponível em: <https://www.sinteseeventos.com/site/redor/GT1/GT1-61-Brenda.pdf>. Acesso em: 22/08/2024.

LUGONES, María. A Colonialidade dos Gêneros. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, 2019.

MILEK, Bruna Santos. **O espaço das mulheres na história da arte e a invisibilização da expressionista abstrata Lee Krasner**. Revista A Margem, Uberlândia, v.18, 2021.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. ed. Contexto, 2007.

PRATAS, Glória Maria D. L. **O feminino na arte medieval**. 2009. p. 122.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. ed. Educação e Realidade, dez. 1995.